



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
GRADUAÇÃO EM TEATRO

Juliana Milagres Tostes

**Memória e autobiografia como desencadeadoras do processo criativo**

Belo Horizonte

2018

### 13. Produção Artística e Cultural

### 13. Produção Artística e Cultural

#### **Memória e autobiografia como desencadeadoras do processo**

##### **Criativo.**

Tostes, Juliana.

[jutostes93@hotmail.com](mailto:jutostes93@hotmail.com);

Escola de Belas Artes

Universidade Federal de Minas Gerais

---

#### **Resumo**

Este texto apresenta considerações sobre a memória/autobiografia, partindo da ideia da utilização das mesmas no processo criativo. Para isso, abordo os conceitos de memória individual, memória coletiva, autobiografia e afeto para que haja entendimento da reunião deles a partir dos processos. O texto realizado se deu por meio de uma revisão bibliográfica preliminar buscando compreender como tem sido tratado os temas de memória/autobiografia como desencadeadoras da criação cênica nas publicações das revistas Papéis, ArteFilosofia e Sala Preta. Além disso, analisamos e interpretamos publicações nos anais do congresso de pesquisa ABRACE e também da Reunião Brasileira de Antropologia. O trabalho nos levou à compreensão de diferentes modos pelos quais as narrativas pessoais, individuais e coletivas operam como materiais de composição.

**Palavras-chave:** Memória. Autobiografia. Processo Criativo. Criação Cênica.

#### **Resumen**

Este texto presenta consideraciones sobre la memoria / autobiografía, partiendo de la idea de la utilización de las mismas en el proceso creativo. Para ello, abordo los conceptos de memoria individual, memoria colectiva, autobiografía y afecto para que haya entendimiento de su reunión a partir de los procesos. El texto realizado se dio por medio de una revisión bibliográfica preliminar buscando comprender cómo se han tratado los temas de memoria / autobiografía como desencadenantes de la creación escénica en las publicaciones de las revistas Papeles, ArteFilosofía y Sala Negra. Además, analizamos e interpretamos publicaciones en los anales del congreso de investigación ABRACE y también de la Reunión Brasileña de Antropología. El trabajo nos llevó a la comprensión de diferentes modos por los cuales las narrativas personales, individuales y colectivas operan como materiales de composición.

**Palabras-clave:** Memoria. Autobiografía. Proceso Creativo. Creación Escénica.

## Introdução

A memória e a autobiografia me afetam enquanto artista. Fato relevante e persistente desde meu ingresso no curso de Interpretação Teatral da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2014. Por meio das disciplinas obrigatórias da primeira metade do curso, me vi utilizando, sem ter consciência disso, das minhas memórias individuais e das memórias do grupo, como mote para a criação de exercícios cênicos a serem apresentados. Logo na segunda metade do curso, formou-se dentro da Universidade o grupo cênico musical *Turquesa*<sup>1</sup>, do qual eu faço parte, por onde da mesma maneira que meus demais processos dentro da graduação, o trabalho do meu grupo me aproximou das memórias por meio das canções compostas/interpretadas e também de pequenos fragmentos de cenas que foram compondo o primeiro trabalho do grupo, nomeado *Feminina*<sup>2</sup>. Nesse ponto, instiga-me perceber que mesmo inconscientemente, minhas memórias e os afetos associados a elas, transpassaram de forma significativa minha trajetória no Curso de Teatro.

É imprescindível iniciar este texto apresentando, ainda que sucintamente, conceitos de memória individual, memória coletiva, autobiografia e afeto com o objetivo de relacioná-los para que se possa entender melhor o encontro desses processos com a criação cênica.

A memória individual de um sujeito se origina e se organiza por intermédio de suas vivências, experiências e significações particulares. Em contrapartida a memória coletiva manifesta-se mediante a um caráter de partilha e identificação entre membros de um mesmo grupo. Essas duas memórias, as individuais e as coletivas, podem se relacionar ao ponto que “o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças.” (KESSEL, 2008, p.3). A partir da visão de Kessel sobre a junção das duas memórias, podemos

---

<sup>1</sup> Grupo Turquesa é um conjunto cênico-musical de mulheres artistas, nascido na ocupação da Escola de Belas Artes da UFMG. O grupo segue a linha cênico-musical focando em harmonizações e na improvisação de vozes.

<sup>2</sup> Feminina é o primeiro trabalho do grupo cênico musical Turquesa. Ele surge a partir das indagações das integrantes sobre o universo feminino. Ao resgatar canções que fizeram sucesso na voz de grandes cantoras nacionais e internacionais, as cantoras exploram as harmonias criadas por 4 vozes.

nos atentar que, sendo elas memórias individuais ou não, sempre estarão interligadas ao meio, aos outros e por isso não serão a todo o momento individuais ou coletivas, e sim, uma mistura das duas coisas dentro delas mesmas.

A autobiografia consiste em narrar a nossa história por meio de lembranças e pela exposição de nossas próprias vivências e memórias. O processo permite que consigamos nos reconectar com nós mesmos e nos aprofundar às nossas questões ligadas a dificuldades, bem-estar e emoções no geral, nas quais foram recorrentes ou que foram pouco visitadas até hoje. A partir dos estudos de Oliveira (2017), no campo psicológico observa-se que o processo da autobiografia pode oferecer grande contribuição no que se refere à visita de temas antigos, podendo assim, gerar possíveis ressignificações dos acontecimentos, se esse for o objetivo. No âmbito das artes, mais precisamente nos exemplos que serão citados no decorrer do texto, percebe-se que a autobiografia pode constituir-se como procedimento importante quando se trata de processos criativos. Ela é utilizada muitas vezes como mote para o processo de criação dos artistas, pois ao trabalhar com memórias e vivências, nos dá certa liberdade para abordarmos temas-chaves da nossa história que não necessariamente seriam explícitos o tempo todo, para todos.

O afeto, de forma semelhante às memórias, parte das nossas vivências e recordações do mundo. O afeto se compõe a partir das sensações que nos transpassaram de muitas formas e no presente se manifesta através das emoções e dos sentimentos. (Tomé, 2012). A partir dos conceitos de afeto, memória individual/coletiva e autobiografia aqui sucintamente apresentados, considero o afeto parte integrante desses, especialmente ao perceber que não há separação das memórias e das narrativas autobiográficas dos afetos. O afeto estará presente, pois atua como possível condutor dessas memórias, permitindo o desencadeamento dos processos criativos que almejam falar a partir de suas próprias narrativas.

## **Objetivos**

Analisar e refletir sobre o estado da arte acerca da memória/autobiografia como desencadeadores de processos criativos. Além da análise, é de interesse também, observar

como o canto serve de material para construção cênica, e abordar uma reflexão sobre a ligação existente entre a memória, a autobiografia e o afeto.

## Material e Métodos

Na pesquisa teci considerações, por meio de uma revisão bibliográfica, realizada nas publicações das revistas *Papéis*<sup>3</sup>, *ArteFilosofia*<sup>4</sup> e *Sala Preta*<sup>5</sup>, nos anos de 2009 e 2010. Além disso, considere relevante para discussão trazer para o corpo do texto alguns artigos encontrados nas mesmas revistas no ano de 2017, sobre como tem sido tratado o tema da memória/autobiografia enquanto desencadeadores da criação cênica. Neste artigo serão apontadas algumas montagens artísticas sobre o tema apresentado acima, que servirão de base para a sua discussão em análise. Para isso, *a priori*, desejo apontar os conceitos de memória individual, memória coletiva, autobiografia e afeto com o objetivo de relacioná-los para que se possa entender melhor o encontro desses recursos com a criação cênica.

## Resultado e Discussão

Considerando as possíveis potencialidades das nossas subjetividades, inicio a análise acerca dos processos criativos que tem como ferramenta de trabalho as memórias individuais e as memórias coletivas de atores e de não atores. Os projetos “Quintal”<sup>6</sup> e “Olhos d'água”<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> Revista Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens tem como objetivo a divulgação de artigos inéditos, resenhas, resumos expandidos e entrevistas, elaborados por professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação, voltados para a grande área de Letras, Linguística e Artes

<sup>4</sup> Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia - UFOP

<sup>5</sup> É um dos primeiros periódicos brasileiros especializados em artes cênicas e atualmente é uma das poucas revistas da área de Artes avaliada como “A1” pelo programa QUALIS/CAPES

<sup>6</sup> Quintal é um dos projetos do Casa Aberta que trabalha com memórias que nos lembram a casa da vó, o pé de laranjeira, o cheirinho de café, a flor de erva cidreira, a rede na varanda, o galo acordando cedinho, o cantar da mãe lavando roupas e o cafuné antes de dormir em noite fria.

<sup>7</sup> Olhos D'água traz à cena rastros de narrativas de sete mulheres do bairro Tejuco, em São João del-Rei. Os corpos e poéticas do cotidiano investigados durante a montagem são recriados em cena por meio de uma linguagem contemporânea que mescla, além dos casos e depoimentos coletados, memórias dos atores e atrizes, música e poesia.

desenvolvidos pela professora/atriz/pesquisadora Juliana Mota<sup>8</sup>, elaborado dentro do grupo de pesquisa Casa Aberta<sup>9</sup>, em São João Del Rei, são exemplos disso. A pesquisadora traz a ideia de memória nesses projetos, por meio das investigações a partir das memórias coletivas e individuais. As memórias se tornam combustível para o processo vocal do ator dentro do processo de criação

O limite entre memória individual e memória coletiva é tênue na medida em que percebemos que a memória é composta por experiências (individuais e compartilhadas) carregadas de afeto. Tais experiências se constituem como lembranças quando conexões são estabelecidas entre o fato ocorrido e a bagagem do indivíduo. Tal memória coletiva é formada a partir dos grupos dos quais o indivíduo faz parte. Neste contexto poderíamos afirmar que o homem, nunca está sozinho, pois, sempre em suas ações, em seu discurso apresentam-se vozes outras. (MOTA DRUMMOND, 2017, p.32)

Nas duas práticas citadas acima “Olhos d’água” e “Quintal”, além da parte textual/oral do trabalho, a memória se fez presente também por via do canto, com suas próprias trajetórias e recordações de experiências musicais.

Os atores tendem à recuperar cantos de alento como aquelas canções que nossos cuidadores da infância - papel que na maior parte das vezes é assumido por nossas mães, tias e avós -nos cantavam para espantar o medo do escuro, para nos fazer dormir, para acalmar os pequenos corpinhos que ainda não sabem controlar e dosar suas emoções. (MOTA DRUMMOND, 2017, p.37)

Ao referir-se às canções, faço relação ao que diz Gerda Gomes a respeito da relação entre a música e os afetos que discorrem “a música em si tem um grande potencial de afetação em nosso corpo. Por suas características consegue articular afetos em diferentes camadas de nossa percepção simultaneamente” (GOMES, 2014, p.3). O trecho citado também vai ao encontro do que a atriz Juliana Mota explicita em seu artigo, quando narra seu processo de canto: “quando eu canto da minha voz sai tudo aquilo que vivi, tudo que foi passado pra mim pelas histórias, pelas experiências, pelos sonhos, pelas intuições.” (MOTA DRUMMOND, 2017,

---

<sup>8</sup> Juliana Mota é atriz, cantora, diretora e relações públicas. Professora do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFSJ e do Curso de Graduação em Teatro da mesma instituição. Doutora com a tese intitulada "Marcas deles em mim: memória, música e formação do ator" pela UFMG.

<sup>9</sup> O Grupo de Pesquisa e Extensão CASA ABERTA - sob coordenação da professora da UFSJ, Juliana Alves Mota Drummond e colaboração dos professores Maria Clara Ferrer, Valéria Leite Braga e Marcos Filho - tem como objetivo facilitar e ampliar as relações entre os profissionais e estudantes de Teatro e Música da UFSJ e a comunidade artística externa.

p.42).

Tal como os projetos do Casa aberta, a memória coletiva trouxe também contribuições à montagem do processo teatral: *Memórias da Cana*<sup>10</sup>, do grupo *Os Fofos Encenam*<sup>11</sup>. Semelhante à forma como foram conduzidos os projetos produzidos pela Casa Aberta aqui citados, o grupo paulistano, também parte de improvisações, exercícios e cânticos com base nas memórias como estímulo para a construção do trabalho. Analisando as ideias apresentadas pela autora a respeito da memória dentro processo do coletivo, pude observar o caráter indispensável da mesma, levando em consideração que até mesmo os corpos dos personagens foram surgindo a partir da imersão dos atores às suas recordações de vida. Do mesmo modo, sobre a utilização do corpo do ator e da relação com as memórias, outras montagens seguem essa mesma linha de raciocínio e de trabalho corporal, tal como a experiência de composição performática descrita por Miguel Eugênio Barbosa (2017) e Victor Hugo Neves (2017)<sup>12</sup> que ao tratar, em grupo, de assuntos como a homofobia e o preconceito, armam-se de corpos que partem de suas memórias e depoimentos, manifestando-se assim em cena. Drummond (2018, p.34) “diz que por sermos seres sociais já estamos conectados todos de alguma forma e isso impede de existirmos sem o outro”. Acerca do mesmo, Halbwachs (1985, p.60), conforme citado por Mayor (2002, p.244) concorda dizendo

...que nunca estamos sozinhos, pois a lembrança evocada está cheia de pessoas que compartilharam um acontecimento; se lembro de quando fui para a escola pela primeira vez, lembro de meu pai me levando de carro, lembro de minha mãe preparando o lanche, lembro do meu irmão me acompanhando até o pátio do colégio, enfim, por sermos seres sociais é que nossas lembranças desdobram-se a partir de outras

<sup>10</sup> Com dramaturgia e direção de Newton Moreno, *Memória da Cana* é uma adaptação do texto *Álbum de Família*, de Nelson Rodrigues, alimentada pela leitura das obras de Gilberto Freyre e pela interlocução memorial dos atores-criadores. O espetáculo conquistou visibilidade e reconhecimento ao percorrer os mais importantes festivais de teatro do país e ao receber os seguintes prêmios: Shell (melhor direção e melhor cenário); APCA 2009 (melhor espetáculo) e Cooperativa Paulista de Teatro (melhor direção e melhor projeto visual).

<sup>11</sup> As raízes do riso e suas variantes na expressão popular do circo-teatro e da cultura nordestina compõem a base do repertório da Companhia Os Fofos Encenam. Sediada em São Paulo, conta com artistas locais e artistas pernambucanos, que a ela se juntam.

<sup>12</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba e Bolsista PIBIC/Bacharelado em Teatro (UFPB).

testemunhas do fato ocorrido. (HALBWACHS,1985,p.60 apud MAYOR, 2002,p.244)

Destaco também a relevância da utilização da autobiografia como estímulo para a criação cênica a partir de Fortin (2009, p.82) conforme citado por Meyer (2014, p.3) que considera: “De fato, se a pessoa que conduz a investigação é indissociável da produção de pesquisa, por que então, não observar o observador? Porque não olhar a si mesmo e escrever a partir de sua própria experiência?”. A partir desse processo que busca narrar as nossas bagagens afetivas, que o projeto *Casa Aberta* produz mais um de seus espetáculos, nomeado *Motriz*<sup>13</sup>, encenado pela diretora do grupo Juliana Mota. Nessa montagem, as cápsulas de textos autobiográficos juntamente aos cantos presentes na mesma, passam por processos de improvisações cênicas que pretendem assim, convocar os afetos das recordações da atriz. A forma como a prática autobiográfica acontece em *Motriz*, espetáculo teatral, aproxima-se da fala em que a professora Beth Lopes aponta sua opinião sobre como se dá o processo de memória e autobiografia a partir dos performers

O caráter autobiográfico que as reminiscências inscrevem na corporeidade do performer descreve épocas, lugares, familiares, amigos, pessoas que circundam a vida de cada um. Além dos espaços, lugares e pessoas as recordações são acompanhadas por amuletos/objetos que dão cor, textura, volume, cheiro e sabor a imagem da cena, dando materialidade e intensidade para o presente. Caixas, espelhos, sapatos, vestidos, comidas, livros, brinquedos, música, fotografia são objetos recorrentes que o tempo, o espaço, as estações, a infância, a juventude, a velhice, a morte, acolhem no seu cenário. Ações como guardar, arrumar, separar, organizar, sentar, esperar, dormir, sonhar, acordar, dançar e cantar mesclam estados de repouso e de tensão em seu repertório. A sexualidade, a sedução, a perda, a despedida, a dor, o amor, o riso, são estados sensíveis que desvelam a memória do seu corpo. (LOPES,2010,p.138)

A forma como a autora citada descreve as especificidades do processo de autobiografia, contempla não só os trabalhos corporais e dos performers, como também pode se aproximar de quaisquer outras formas do âmbito da arte que desejam partir das suas próprias narrativas.

---

<sup>13</sup> Motriz é uma travessia sonora na escuridão, um concerto para voz e afetos que convoca diferentes modos e texturas da oralidade : canções, falas, choros, risos, soluços e suspiros. Em cena uma voz-mulher-negra dispara um fluxo de músicas e palavras que adentram a memória dos espectadores em torno dela.

## Conclusão

Ao pesquisar e apontar brevemente como tem sido tratado os temas da memória e da autobiografia como desencadeadoras da criação cênica entre os anos e revistas estipuladas, foi possível perceber as semelhanças entre os dois recursos, tanto quanto em relação aos processos de recordação e de trajetórias individuais, como também ao objetivo tanto da memória quanto da autobiografia, de procurar modos de reviver o passado e transformá-las em algo ainda presente.

No entanto, além desses apontamentos, a maior das afinidades que considero que elas compartilhem, se dá a partir da presença do afeto. Quando o ator se dispõe a criar seu projeto por meio de memórias, o afeto estará fazendo o papel de motor para o processo de criação que irá se iniciar, mesmo que não se tenha consciência disso. A mesma coisa se dá para os processos que escolhem trabalhar com as narrativas pessoais dos atores.

Considero ainda, que os afetos podem refletir significativamente no processo de criação, pois, através da compreensão e análise de cada um dos afetos que serão utilizados em cada cena em específico, poderá surgir as concepções de iluminação e de cenário, além disso é possível atingir com mais facilidade a carga emocional dos cantos e dos textos que serão encenados, além de influenciar na dramaturgia que será apresentada.

A importância dessa breve análise de revisão bibliográfica, a respeito de como tem sido tratado a memória e autobiografia como motes da criação cênica, se dá uma vez que, a intenção desse artigo foi descobrir o que tem sido pensado e escrito por alguns pesquisadores a respeito dos processos que utilizam da memória e da autobiografia como estímulo de criação. Além disso, tem-se a intenção de que o artigo possa auxiliar quanto à um próximo passo de pesquisa, onde pretende-se recortar o tema: memória/autobiografia, a fim de analisar os afetos musicais como desencadeadoras do processo criativo “Verde água” do Grupo Turquesa.

## Agradecimentos

Meus agradecimentos à minha orientadora deste artigo, Professora Mônica Medeiros, pelo suporte, pelas suas correções e incentivo. E ao Professor Ernani Maletta, pelos conselhos e conversas compartilhadas.

## Referências Bibliográficas

- Lopes, B. (2009). A performance da memória. *Revista Sala Preta*,9, 135-145.
- Gomes, G. (2014, novembro). Os afetos musicais no corpo do ator. *Anais do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes cênicas, Belo horizonte, MG, Brasil*,8.
- Kessel, Z. (2008). *Memória e Memória Coletiva*, Recuperado em 7 abril, 2018, de <[http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf)>
- Mayor, M. (2009). Um olhar sobre a memória coletiva no processo teatral de Memória da Cana. *Revista Sala Preta*,9,241-246.
- Meyer, S. (2014, agosto) Perspectivas auto-etnográficas em pesquisas com dança contemporânea. *Anais do Encontro Nacional da Reunião Brasileira de Antropologia*, Natal, RN, Brasil,29.
- Morais, O. (2006). Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: O exemplo do centro de memória da UNICAMP. *Revista VON SIMSON*, 1-8.
- Mota J., & Carrilho, M. (2017). Caminhos da escuta: presença sonora e escuridão. *Revista Papéis*.
- Mota, J., & Carrilho, M. (2017). O ouvinte visionário: a hipótese de um teatro hipnótico. *Revista Sala Preta*,17,140-155.
- Mota, J. (2017). Voz e presença: A utilização dos arquétipos sonoros no trabalho do ator. *Revista ArteFilosofia*.35
- Oliveira, R . (2017). Memória Individual e Memória Coletiva. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*.13,339-348.
- Segundo, M.; & Oliveira, V. (2017). Um Estudo sobre Autobiografia no Processo de Composição Performática. *Anais da Reunião Científica do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas*, Natal, RN, Brasil. 9.

Tomé, A. (2012). *Diferença entre Afeto, Emoção e Sentimento*, Recuperado em 7 abril, 2018, <https://alexpsicologia.webnode.pt/conceitos/diferen%C3%A7a-entre-afeto%2c-emo%C3%A7%C3%A3o-e-sentimento/>.